

OS BALSEIROS DO RIO URUGUAI ADENTRAM O COTIDIANO ESCOLAR

Huarley Mateus do Vale Monteiro^{*}; José Carlos Moura^{**}; Marta Catunda^{***}; Maurício Massari^{****}; Marcos Antonio dos Santos Reigota^{*****}

Recebido em: 20 ago. 2013 Aprovado em: 04 dez. 2013

- ^{*} Ms. em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professor da Universidade Estadual de Roraima. Roraima – Brasil. E-mail: huarleymateus@gmail.com
- ^{**} Ms. em Educação pela Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP, - Brasil. E-mail: ze.moura@terra.com.br
- ^{***} Dra. e Pós-doutoranda em Educação e Cotidiano Escolar pela Universidade de Sorocaba. Professora. de Educação Ambiental PFEA, Ita. Florianópolis, Santa Catarina - Brasil. E-mail: martacatunda@gmail.com
- ^{****} Mestre e Doutorando Educação Escolar pela Universidade de Sorocaba. Diretor da Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba. Professor da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP – Brasil. E-mail: mauriciomassari@gmail.com
- ^{*****} Dr. pela Universidade Católica de Louvain. Pós-doutorado pela Universidade de Genebra. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP – Brasil. E-mail: marcos.reigota@prof.uniso.br

Resumo: Resultado das práticas pedagógicas de mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, sobre o documentário em vídeo “Os Balseiros do Rio Uruguai”, este texto traz reflexões acerca da educação, educação ambiental e cotidiano escolar. O texto apresenta o tecido, as redes de conhecimentos e as práticas pedagógicas dos orientandos do professor Marcos Reigota, debruçados sobre as suas práticas no cotidiano escolar universitário. Neste texto coletivo, procuramos trazer a público o registro do que se destacam das impressões e reflexões que o vídeo provocou nos estudantes da Fatec e Fefiso. Procuramos apresentar a complexidade das práticas pedagógicas, seus múltiplos movimentos e potências para/por uma educação ambiental que se define como educação política e produtora de sentidos através das múltiplas vozes.

Palavras-chave: Educação ambiental. Cultura. Cotidiano escolar.

THE TONNELS OF URUGUAY RIVER: THEY ENTER EVERYDAY SCHOOL LIFE

Abstract: The text presents the tissue, knowledge networks and the pedagogical practices of the teacher supervised Marcos Reigota, leaning on their practices in the universit everyday school life. In this collective, we attempt to bring the public registry that stand out, the impressions and reflections, that the video caused on university students. We present the complexity of pedagogical practices, their multiple movements, and potencies for an environmental education is defined as education policy, and producer of meanings through and multiple voices.

Key words: Environmental education. Culture. Everyday school life.

*'Oba, viva, veio a enchente
O Uruguai transbordou
Vai dar serviço pra gente.
Vou soltar minha balsa no rio,
Vou rever maravilhas
Que ninguém descobriu [...]'*

Este texto é fruto de um exercício pedagógico de alunos mestrandos e doutorandos do curso de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, sobre o documentário em vídeo “Os Balseiros do Rio Uruguai”, produzido por Érico Ginez e Roberto Carminati.

Contém o tecido, a dobradura pedagógica das impressões dos alunos da Pós-Graduação, orientandos do professor Marcos Reigota, como alunos da Pós e, como professores debruçados sobre as impressões de seus próprios alunos no cotidiano escolar, uma conversação, nesse *espaço-tempo* de saber e criação, como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido, também e, sobretudo, como *espaço-tempo* de grande diversidade (ALVES; GARCIA, 2002; OLIVEIRA, 2001). Além dessa dobradura, temos inicialmente um movimento em comunicação com uma ecologia, um contexto social e econômico próprio.

Neste texto, procuramos trazer a público o registro do que se destacam das impressões comunicativas propostas. Também demonstrar a riqueza do trançado pedagógico, seus múltiplos movimentos e potências para/por uma educação ambiental. Seja como voz, ou contundência potente das falas e testemunhos que ali ressoam, com uma atitude eminentemente política entre esses pares. As falas serão tratadas aqui como narrativas vivenciadas e conversadas na sala de aula, que levam a outra dobra e assim em diante, e o cotidiano, como um *folheado sincrônico* (GUATTARI, 1992, p. 153) e sua multiplicidade de movimentos, sentimentos, acontecimentos que escapam de um sentido único. O sentido aqui é dado pela perspectiva ecologista que coloca a educação em outra dinâmica, que fora indicada pela filosofia da diferença. Quando esta perspectiva se coloca, a história pela via da geografia chega ao meio ambiente, à sua biologia, ao ser humano, à sua economia, e neste movimento ziguezagueante revela um trançado de conhecimentos e transforma disciplinas meramente conteudísticas em lições de vida.

O vídeo enfoca o elemento (líquido), no caso os balseiros do rio Uruguai. Ocorre entre fronteiras Brasil/Uruguai, no palco de uma natureza exuberante e movediça daqueles que lutavam e lutam pela vida, por um pedaço de chão ou sustento.

O QUE RESSOA DAS IMAGENS APRESENTADAS

No marulhar das águas do Rio Uruguai, perigos desafiam destemidos balseiros. Arriscando a própria vida para o empreendimento do lucro de terceiros, apenas querem sobreviver.

Permita-nos aqui uma pequena divagação poética: o rio é a própria tradução da diferença dos aforismos de Heráclito ou, do seu *dizcurso*; tem margens movediças e verticalidade profunda, sinuosa horizontalidade fluída e, invisível evaporação de nuvens, engolidor de chuvas, seu rumor de vários tons guarda os dons humanos de nados e travessias, força para vencer sua correnteza irresistível; que empurra o remo/leme; som das estacas na água, da música rangida de suas toras batendo nelas domando a correnteza, ao burburinho das vozes dos trechos encaichoeirados, mistura-se com o vozerio de homens valentes; assim, vence as fluências e confluências, curvas, rebojos, poços, pedras como fundo e como armadilha para as balsas e seus balseiros.

No veio do Rio o curso da história, especialmente a história do Brasil. Graças ao manancial de suas águas, da Bacia da Prata à Amazônica. O predomínio de rios perenes tem permitido a circulação da cultura pela via da ambiência. A degradação do Rio São Francisco, espetacular como veio histórico o chamado rio da integração nacional, por sua navegabilidade e suas águas emendadas com o Tocantins, está nesta via dos impactos acelerados. O que ocorre com o São Francisco é o exemplo mais atual do que já ocorreu com o rio Tietê. A degradação atinge drasticamente cidades banhadas por rios, atingindo as populações ribeirinhas mais antigas. A construção de usinas hidroelétricas, o crescimento urbano das cidades somado aos desmatamentos e assoreamentos dos rios põem em risco a sobrevivência, quando não expulsa essas populações. Ou seja, arranca-se o ambiente que em centenas de anos pouco se modificou, daqueles que dele subsistem.

Mas, como esses brasileiros chegaram a se transformar em balseiros? Do mesmo modo que até hoje ocorre! Os grandes empreendimentos envolvendo o meio ambiente e a

desapropriação de terras, por interesses econômicos que desconsideram as populações que, nesses lugares já lutam e penam por sua sobrevivência em condições precárias. Estas condições são ainda mais agravadas na construção de estradas, barragens, hidroelétricas, exploração de minérios, entre outros tantos impactos ambientais em que o ser humano se vê acossado por transformações repentinas, que torna ainda mais sofrida a sua precária situação.

A história dos balseiros não é diferente, tendo raízes em uma contestação ao longo de sua História. A região do Contestado foi alvo de sucessivos episódios de disputa política e econômica entre os estados do Paraná e Santa Catarina, sendo marcada por disputas pelas riquezas das florestas, pressões dos grandes proprietários sobre posseiros, e o plantio da erva-mate. A construção da estrada de ferro só veio ampliar essas pressões, quando a Brazil Railway Company, de um empresário americano, comprou uma extensa área para construção desta estrada.

Por isso, para que possamos entender com maior precisão o que significaram os Balseiros, devemos primeiramente saber o que foi a Guerra dos Contestados.

A Guerra dos Contestados foi um conflito armado que ocorreu na Região Sul do Brasil, entre outubro de 1912 e agosto de 1916 (SERPA, 1999).

Após viabilizar o processo de desocupação das terras, a companhia atraiu a mão de obra de mais de 8 mil operários que participaram da gigantesca obra. Depois de realizar a construção, a Brazil Railway adquiriu outra área com mais de 180 mil hectares para a exploração madeireira. Para a execução desse novo empreendimento foi utilizado um moderno maquinário, com um contingente mínimo de mão de obra. Isso desembocou na expulsão de outra leva de pequenos agricultores já fixados naquela região para a construção da ferrovia. Com tanta gente “desocupada”, operários desempregados e camponeses desapropriados acabaram se unindo em função de um movimento messiânico, liderado por um beato José Maria, que atacava o autoritarismo da ordem republicana e pregava novos tempos de prosperidade e comunhão espiritual, e que, diante da insatisfação popular, ganhou força pregando a criação de um mundo novo, regido pelas leis de Deus, onde todos viveriam em paz, com propriedade, justiça e terras para trabalhar. José Maria conquistou os camponeses sem terra.

Outro motivo da revolta foi a compra de uma grande área da região desapropriada por um grupo de pessoas ligadas à empresa construtora da linha férrea. Essa propriedade foi adquirida para o estabelecimento de uma grande empresa madeireira, voltada para a exportação.

Inspirado pela lenda messiânica do antigo rei português Dom Sebastião, José Maria agrupou diversos seguidores para a fundação da comunidade de Quadrado Santo, que viveu da agricultura subsistente e do furto de gado.

Preocupados com a formação de comunidades desse mesmo tipo, os governos estadual e federal passaram a enviar expedições militares contra a população de Quadrado Santo. Em 1912, um novo destacamento militar foi mandado para confrontar com os seguidores de José Maria. Houve conflito, as tropas federais foram derrotadas e o líder espiritual acabou morrendo. Isso atiçou ainda mais os contestados, que se fortaleceram reorganizando a comunidade do Quadrado Santo. No final do ano seguinte, nova luta foi travada com os militares e, mais uma vez, a comunidade do Contestado não se subjugou as autoridades republicanas. Em 1914, o governo mais uma vez foi neutralizado com a fuga em massa dos moradores do contestado. Sucessivamente, a comunidade reagia com extrema eficiência. O conflito só veio a ter um fim quando as tropas do governo foram mantidas por mais de um ano em confrontos regulares contra a comunidade e passaram a utilizar a artilharia pesada e aviões. Milhares de contestados, entre cinco e oito mil rebeldes, foram brutalmente executados.

Depois da Guerra do Contestado, na década de 1920, os habitantes que haviam se escondido no Sertão do Irani começaram a deixar seus esconderijos e trabalhar como colonos nas terras da região, outros nas suas próprias terras, entretanto, o que ganhavam não era o suficiente para sustentar suas famílias.

O governo de Getúlio Vargas havia criado o Instituto Nacional do Pinho, para impedir que o comércio desenfreado da madeira fosse feito e, portanto, a madeira retirada irregularmente das nossas matas não podia mais circular livremente pelos vagões da linha férrea como estava sendo feita.

Foi aí que surgiram os **balseiros**. Eram normalmente caboclos - brasileiros decorrentes da miscigenação composta entre portugueses e índios. Profissão temporária, era realizada apenas na época da cheias do rio Uruguai e que trazia retorno econômico e sustento de muitas famílias.

São dos fenômenos que surgem dessas relações sociais que vemos a maneira bem articulada que o documentário “Balseiros do Rio Uruguai” apresenta. Uma verdadeira provocação sobre como se configurou o processo de colonização, comercialização e desenvolvimento instaurado no início do século XX no Brasil e que o sul brasileiro também é

palco, tendo como registro dessa época o relato oral daqueles que vivenciaram esse período. E, neste caso, é a configuração de sujeitos que fizeram do Rio Uruguai a sua ‘rua’, espaço de construção sociocultural e econômica.

Dizemos “rua” pois o **Rio Uruguai**, como palco do documentário, é o motivador do debate que ocupamos e que não foge ao perfil histórico-social das questões mencionadas anteriormente, em especial sobre os Rios brasileiros, que também foram espaço de construção social e contribuidores para a implantação e desenvolvimento de muitas cidades brasileiras.

Retomar o Rio em sua dinâmica relação com as cidades é reler nossas práticas sociais, históricas e culturais; a isto, o documentário “Balseiros do Rio Uruguai” bem denuncia, pois o próprio título já nos reporta às mais variadas imagens, muitas delas presas em nossa memória, possivelmente como resultado de experiência com/ou sobre o Rio, das maneiras mais distintas possíveis.

Nessa linha de entendimento, ao que nos propomos para esta leitura, pensamos que o poeta amazônico-paraense, Rui Paranatinga Barata bem traduziu em seu texto ao constituir que as águas dos Rios, além de seu elemento estetizante, são as ‘ruas’ e determinariam o ritmo da vida dos muitos que dele dependem, bem como sua configuração sociocultural.

*‘Esse rio é minha rua
Minha e tua mururé
Piso no peito da lua
Deito no chão da maré [...]’*

Não diferente dele, o poeta sulista brasileiro Barbosa Lessa também retrata a importância que o Rio exerce nas relações sociais e imaginativas com o ribeirinho, visto que só quem vivencia experiências com ele é que pode conceber o significado que a ele é dirigido. Perder essa relação é perder parte de sua história de vida ou mesmo o sentido daquilo que lhe constituiu como sujeito social.

*‘Oba, viva, veio a enchente
O Uruguai transbordou
Vai dar serviço pra gente.
Vou soltar minha balsa no rio,*

*Vou rever maravilhas
Que ninguém descobriu [...]*

Entretanto, muito além do olhar estetizante, que de certo modo ofusca leituras mais profundas sobre os elementos que permeiam a relação do ser humano com o Rio, poderíamos buscar quais elementos estariam subjetivados como ‘articuladores de passagem’, signo de relação entre mundos que se articulam (o real e o imaginário, o sagrado e o profano, o antigo e o novo), pois quantos desses ‘rios’ foram e/ou ainda o são constituidores significativos da vida social cotidiana de muitos povos, bem retratados nos fragmentos textuais citados anteriormente.

Sobre isso, pensamos que se deixarmos a memória fluir ela nos demonstrará que na história das civilizações humanas, desde os tempos mais remotos até o mais recentes, sempre estivemos vinculados de alguma forma a questões que, vez ou outra, nos reportam ao ‘Rio’, seja como fonte de energia, de vida, ou sua determinante histórico-social para a configuração dos novos espaços e, nos tempos atuais, todas as mazelas, resíduos da modernização que as cidades a eles entregam.

Nesse sentido, por cerca de 70 minutos, o documentário nos traz o relato de sujeitos que vivenciaram uma época em que o Rio Uruguai era a ‘Rua’ por onde eram transportadas madeiras e outros produtos a serem comercializados na vizinha Argentina. Narrada por Miltom Gonçalves, a obra é realizada pela Associação do Municípios Lideiros de Barragem de Itá-SC – AMLBI, como resultado de uma proposta experimental em que se buscou registrar a história de uma época de aventureiros e de muitos outros sujeitos que fizeram daquelas atividades uma forma de sobrevivência.

Não é meramente a imagem enquanto documento, é o **relato como experiência** e denúncia histórico-social de um período de fome, exploração, sonegação de imposto, tráfego de madeira e a ausência do Estado brasileiro constituído daquela época.

UM EXERCÍCIO PEDAGÓGICO...DA IMAGEM À REFLEXÃO NO/DO COTIDIANO ESCOLAR

O documentário foi transmitido aos alunos de dois cursos superiores da cidade de Sorocaba: na Fatec e na FEFISO (Faculdade de Educação Física da ACM de Sorocaba). Os

relatos abaixo foram pedidos espontaneamente, sem pretensão em arguição ou outras “forças” que movem a atuação pedagógica como notas, conceitos ou frequência.

Os dois momentos:

No primeiro deles, reproduzimos o filme “Balseiros do Rio Uruguai” para os alunos do segundo período diurno de um curso de Licenciatura em Educação Física. Assim que assistiram ao vídeo, foi solicitado aos alunos que dissessem, apenas em palavras, o que acharam, e surgiram então: saudade, crime, emoção, lembranças, aventuras, dificuldade, perigo, lucro, exploração, sustento, ganância, diversão, alegria, morte, tristeza, história, cultura, vivência, família e trabalho em equipe.

Assim que as palavras foram colocadas na lousa, perguntamos se alguém queria dizer mais alguma coisa. O que mais nos chamou a atenção foi uma aluna que disse: *“nossa professor, a maneira como eles (a maioria) falam parece muito com minha vó e meu vô, bem caipiras não é, sem estudos.”*(informação verbal)¹. Foi feita menção que poderia ser verdade, mesmo sem conhecê-los, já que a aluna estava visivelmente emocionada.

Ao fim da aula, fizemos um novo pedido aos alunos, sem intenção alguma de nota e voluntário. Dissemos a eles: “escrevam o que acharam do documentário, suas impressões e comentários”.

Voltaram às nossas mãos oito textos. Abaixo, fizemos uma análise dos mesmos, a fim de tentar entender como os (as) alunos (as) de um curso de Licenciatura em Educação Física “sentiram” o documentário, lembrando que não fizemos nenhum comentário que pudesse interferir ou influenciar na argumentação deles.

Os (As) oito alunos (as) frisaram as dificuldades e a aventura que era para os balseiros a travessia até São Borja. Os perigos foram retratados e os alunos comentaram, inclusive, sobre as mortes que poderiam ocorrer, como afirma o texto do aluno 3: *“[...] famílias, essas que sofriram com a partida de seus homens e com a incerteza de sua volta.”* (informação verbal)². O aluno 2 completa afirmando que a história construída por eles (balseiros) *“foi através de aventuras, riscos e muita dificuldade.”* (informação verbal)³

¹ Relato de aluna, em sala de aula.

² Relato do aluno 3, em sala de aula.

³ Relato do aluno 2, em sala de aula.

A História: o tema mais abordado. *“Apesar de vários obstáculos que viviam na época, com seus trabalhos eles conseguiram criar uma bela história”* (Aluno 2) (informação verbal)⁴. Destaca-se também a fala do aluno 5 quando afirma que *“desse tempo só restou história e muita saudade dos participantes do processo [...] foi importante para a história da região”* (informação verbal)⁵. O aluno 7 ainda cita: *“homens que marcaram a história e fizeram cultura, mostraram a partir das suas vidas o que nos esquecemos de prestar atenção.”* (informação verbal)⁶

Outro tema abordado foi cultura. Durante as aulas de Política Educacional I e II, no curso de Educação Física, conversamos muito sobre esse assunto. Discutimos o (s) conceito (s) de cultura enquanto ligada ao ser humano (“produtor”) e chegamos à conclusão que não existe saber mais ou menos e sim saberes diferentes, portanto procuramos ressignificar a noção desse termo desfazendo a ideia de estar restrita a “alguns” poucos e sim que por ser uma característica do ser humano, todos o produzem e fazem (ou pelo menos deveriam) uso dele. Cultura enquanto “sentimento, experiências e ideias”. (REIGOTA, 1999).

“Podemos dizer que esse documentário vem nos mostrar um pouco da cultura do passado, onde os balseiros se emocionavam muito ao se lembrar da história em que fizeram parte [...] criaram um história de vida.” (informação verbal)⁷. O aluno 4 refaz a ligação entre cultura e ser humano da maneira como discutimos/refletimos em sala quando afirma que *o trabalho arte do processo de criação do homem a fim de trazer melhorias para toda sociedade, trouxe consigo, a ganância, exploração, sustento, aventuras, amizades [...] porém isso ainda deve ser pensado, em pleno século 21.”* (informação verbal)⁸

Ainda pautada na noção de cultura enquanto produção humana em busca de sanar suas necessidades sociais ou pensá-las, o aluno 7 afirma que a *“experiência que para alguém de fora pode parecer ruim, pode agregar valores, em tempos de exploração e precariedade para eles, ficou marcado só o que comove, o que trouxe mudanças.”* (informação verbal)⁹

⁴ Relato do aluno 2, em sala de aula.

⁵ Relato do aluno 5, em sala de aula.

⁶ Relato do aluno 7, em sala de aula.

⁷ Relato do aluno 6, em sala de aula.

⁸ Relato do aluno 4, em sala de aula.

⁹ Relato do aluno 7, em sala de aula.

O termo exploração apareceu no texto acima, assim como em outros quando os alunos queriam mostrar o quanto isso foi significativo no documentário. “*Ganância*” (informação verbal)¹⁰. “*vida sofrida, perigosa, explorados*” (informação verbal)¹¹. “*injustiças, pois pessoas que trabalham pouco são os donos dos meios de produção - no caso a elite interessada na madeira e no lucro como sempre foi e como é até hoje.*” (informação verbal)¹². A relação entre balseiros – lucro – exploração fica evidente nessas frases.

Trabalho em equipe e os sentimentos: Concordamos que não poderia faltar o primeiro, em se tratando de um curso de Educação Física, onde muitas vezes o cooperativismo se sobrepõe à competição. “*O trabalho em equipe foi fundamental para superar as dificuldades encontradas durante o trajeto [...] grande família*” (informação verbal)¹³. O Aluno 3 afirma que a “*Jornada pelo dinheiro! Mas também de muita alegria, companheirismo e lembranças,* (informação verbal)¹⁴ e o Aluno 1 diz ainda “[...] *trabalho em equipe, perigos e aventuras (às vezes morte) atrás do lucro para sustento familiar*”. (informação verbal)¹⁵

Já sobre sentimentos e saudades, todos os alunos fizeram menção.

“*histórias cheias de saudades [...] lembranças tanto de alegrias como de tristeza*”, “*relato emocionante de alguns balseiros percebemos a importância que teve essa etapa na vida deles*”, “*a saudade bate à porta e lágrimas rolam face abaixo, despertando os sentimentos ali guardados. Sempre olhamos o lado ruim da coisa e falta-nos sensibilidade para aproveitar o lado simples da vida.*” (informação verbal)¹⁶

Ainda sobre sentimentos e saudades, mas fazendo uma reflexão muito interessante sobre o mundo de hoje, o Aluno 4 afirma que “*é possível ver o bombardeio de sentimentos dos antigos balseiros [...] a força bruta que já não é mais imprescindível como realmente foi um dia (saudade), pois hoje o valor está atrelado à intelectualidade.*” (informação verbal)¹⁷. Subentende-se que o modo mais digno de ser reconhecido hoje é o conhecer conceitual e que

¹⁰ Relato do aluno 1, em sala de aula.

¹¹ Relato do aluno 3, em sala de aula.

¹² Relato do aluno 4, em sala de aula.

¹³ Relato do aluno 6, em sala de aula.

¹⁴ Relato do aluno 3, em sala de aula.

¹⁵ Relato do aluno 1, em sala de aula.

¹⁶ Relatos dos alunos 1, 2 e 7.

¹⁷ Relatos do aluno 4.

outras formas como o movimento e a “*força bruta*” são apenas representações desse modo conceitual, tido como mais reconhecido, apreciado e digno. Esse assunto é trabalhado em sala de aula também com o objetivo de fazê-los refletir sobre a dicotomia trabalho intelectual X trabalho corporal, fundamental (no nosso ponto de vista) em uma faculdade de Educação Física.

Assim como o aluno 4, o 2 afirma:

“claro que os tempos mudaram e de uma certa maneira as condições de vida estão melhores hoje do que naquela época. Mas se compararmos o que vivemos atualmente (perigos, dificuldades, aventuras e riscos) e o conteúdo de vida deles naquela época, não temos do que se orgulhar, ou seja, apesar de todas as facilidades que temos hoje não conseguimos construir nada que nos enriqueça interiormente, ao contrário dos balseiros, que com muito pouco conseguiram construir sua história de vida, rica em emoções e cultura.” (informação verbal)¹⁸

Com dois momentos: O primeiro deles muito ligado ao professor da disciplina. Foram muito interessantes as discussões feitas pelos alunos, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas à cultura, portanto o vídeo foi muito importante para enriquecer o conteúdo e ainda buscar uma reflexão mais profunda sobre os temas ali tratados e com ele relacionados.

No segundo momento, os alunos da FATEC Sorocaba também assistiram ao vídeo e alguns comentários foram elencados como importantes e passíveis de discussão dentro da ótica do grupo de estudos Perspectiva Ecologista de Educação, são eles:

A Aluna “A” afirma:

“portanto, pude aprender com este documentário mais uma partícula da história brasileira. Também, foi perceptível que a vida daqueles balseiros não foi nada fácil, pois passaram por dificuldades, enfrentaram perigos, em que alguns casos a vida foi o preço para a aventura. Mas, esse período não foi marcado só por desgraças, foi através desse serviço que muitos se estabeleceram financeiramente, conseguindo desenvolver o território ao redor. Que esta passagem marcou a vida desses homens, porque no documentário eles relembram as idas e vindas com grandes saudades!.” (informação verbal)¹⁹

Esse discurso da aluna “A” se relaciona com o da aluna “B” quando também faz referência às dificuldades enfrentadas pelos balseiros:

¹⁸ Relato do aluno 2.

¹⁹ Relato da aluna A.

“a luta vivenciada por todos esses balseiros durante todos esses anos foi sofrida, mas para muitos deles deixou saudades e emocionou ao voltar a contar essas histórias, por isso, tiremos de lição que através das lutas conquistamos nossos objetivos e assim enriquecemos nossos conhecimentos perante a nossa vida. Foi nos deixado uma lição de que para vivermos melhor e alcançarmos nossas metas, precisamos lutar e através essas lutas, alcançarmos vitórias.” (informação verbal)²⁰

O aluno “C” destaca as condições sociais em que estamos inseridos quando afirma que

“mais uma vez vemos o mundo capitalista nas mãos de poucos que controlam uma riqueza que desde a pré-história é sinônimo de poder, uma vez que os principais beneficiados neste período foram as madeireiras, que no máximo correram o risco de fiscalização até fazerem uso dos balseiros do Rio Uruguai.” (informação verbal)²¹

O aluno “D”, também ancorado em desenvolvimento econômico e social, afirma que foi então

“neste âmbito que pude perceber com singularidade, através deste documentário, o grau da importância e o nível de contribuição de uma simples profissão para uma região inteira. Alcançando o desenvolvimento da economia, da construção civil e expressando desde muito antigamente o contato com outro país. Sintetizando assim, este estudo me proporcionou perceber com nitidez os reflexos da história e do progresso em nosso meio. E quão ímpar é sua incrível mutação e dimensão em nosso cotidiano, sem que Mem ao menos nós déssemos conta.” (informação verbal)²²

Preocupado com as questões ambientais disparadas pelo documentário, mas ainda fazendo referência à questão econômica, o aluno “E” diz que

“o resultado de todo esse processo é uma série de mudanças de caráter não só ambiental, mas, principalmente, econômico. Através de um dos personagens do vídeo, pude perceber que o capital trazido pelos balseiros foi o “capital inicial da economia regional” e que isso mudou irreversivelmente o curso das vidas das pessoas envolvidas.” (informação verbal)²³

Dando continuidade à preocupação ambiental, o aluno “F” diz que

“apesar de algumas madeireiras estarem em extinção (hoje, os balseiros ainda vivos condenam o corte de madeira), foi a forma que eles encontraram para sobreviver, e conseqüentemente organizaram uma estrutura para que essa atividade fosse possível,

²⁰ Relato da aluno B.

²¹ Relato do aluno C.

²² Relato do aluno D.

²³ Relato do aluno E.

mas conforme a necessidade, esse comércio progrediu e passou do rio para as estradas, sendo administrado de uma nova forma.” (informação verbal)²⁴

“Em Santa Catarina, o Rio Uruguai foi a estrada para a consolidação do território no extremo oeste. Usando a lógica de sua época, os primeiros colonizadores viveram da extração e do comércio da mata nativa, utilizando o rio como meio de transporte para escoar uma enorme quantidade de madeira. A mata nativa do Rio Uruguai é caracterizada por encontrar uma rica variedade de madeiras como cedro, canela, louro, pinheiro, angico e canjerana, que são as principais madeiras encontradas. Sendo o cedro e o pinheiro de maior valor comercial.” (informação verbal)²⁵

diz a aluna “G” ainda reforçando a variedade de madeiras existentes naquele tempo.

REFLEXÕES PEDAGÓGICAS E AMBIENTAIS

Sofrida? Sim. Explorados? Sim. Poucas condições? Sim. Perigos? Sim. Porém, alegrias e emoções são “disparadas” com os relatos.

Alguns fatores não podem fugir de nossa reflexão. Um deles é a questão ambiental. Júlio Gomes (filho de balseiros) afirma no documentário que a região era inóspita (sertão do Itany). Na década de 20, as madeiras começam a ser exploradas e muitas delas hoje estão em extinção. Não foi feita uma reposição e não existe um reflorestamento com mata nativa.

Este fato nos lava à educação ambiental, que segundo Philippi Junior e Pelicioni, vai formar e preparar cidadãos para a reflexão crítica e para uma ação social corretiva ou transformadora do sistema, de forma a tornar viável o desenvolvimento integral dos seres humanos. Philippi Junior e Pelicioni (2005), em seu livro Educação Ambiental e Sustentabilidade, colocam-se numa posição contrária ao modelo de desenvolvimento econômico vigente no sistema capitalista selvagem, em que os valores éticos de justiça social e solidariedade não são considerados nem a cooperação é estimulada, mas prevalecem o lucro a qualquer preço, a competição, o egoísmo e o privilegio de poucos em detrimento da maioria da população.

Outro fator que merece uma leitura mais crítica é que a cultura aparece como marcante. Reigota (1999) considera cultura como sendo as diferentes formas de expressão de “ideias, experiências e sentimentos”. Afirma ainda que fica evidente que a sua produção, difusão, consumo e circulação, embora fortemente ligados aos interesses da indústria de bens culturais e

²⁴ Relato do aluno F

²⁵ Relato do aluno G.

simbólicos, devem ser analisados com parâmetros que rompem e subvertem os bloqueios impostos pelas condições sociais e econômicas adversas.

O caso dos balseiros parece ter subvertido essas condições de exploração adversas a que foram submetidos. As lembranças, as ideias, os sentimentos e as experiências seguem mais vivas do que nunca na pele dos (hoje ex) balseiros do Rio Uruguai. Dar voz aos anônimos e explorados balseiros produz uma reflexão importante sobre um momento da nossa história e da história deles.

O exercício pedagógico que valorizou muito os discursos dos alunos de dois cursos da cidade de Sorocaba/SP foi extremamente importante para que fossem “disparados” reflexões e pensamentos sobre o modo de vida e a cultura de povos explorados e até então desconhecidos. Procuramos essas reflexões no cotidiano escolar entendido como um *espaço-tempo* de produções e enredamentos de saberes, imaginações, táticas, criações, memórias, projetos, artimanhas, representações e significados. Um espaço/tempo de ações diversas no qual nós, pesquisadores, estabelecemos redes de relações com os que lá estão (FERRAÇO, 2001). Neste sentido, criamos possibilidades para a própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1996).

Freire (1967) já nos ensinava que "a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é a prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens".

Balseiros ou brasileiros do rio Uruguai? Explorados e excluídos os caboclos continuam. Explorada e excluída é a maioria do povo brasileiro. Explorado e excluído é aquele que não tem acesso aos bens e direitos básicos de um ser humano. Explorados e excluídos são todos aqueles que não têm oportunidade de expor a sua participação na história de “seu mundo” e mais ainda aqueles ao qual esse direito de SER um “construtor” da história passa despercebida. Explorado tem sido o meio ambiente à mercê do desenvolvimento econômico.

Com a frase de um dos alunos participantes do exercício pedagógico em questão, finalizamos esse artigo: “o vídeo Balseiros do Rio Uruguai mostra os depoimentos com sorrisos nos rostos e os relatos de que foram felizes nesse rio [...] nessa profissão mesmo com as dificuldades e perigos (grandes), o que realmente dava prazer era a emoção de se sentir livre”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N.; GARCIA, R. L. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 91-108.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- PHILIPPI JR, A; PELICIONE, M. C. F. **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- OLIVEIRA, I. B. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em Educação. In: ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 39– 56.
- REIGOTA, M. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1999.
- SERPA, E. C. **Guerra do contestado 1912-1916**. Florianópolis: UFSC, 1999.